

**A BARONESA**  
**UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA**  
**EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS**  
**DE**

**CHARLES ALLINGTON**

HOMEM: As cartas

MULHER: Querido filho Charles,

MULHER: Tentei falar-lhe hoje no enterro de seu pai, mas não tive coragem.

Tentei dizer-lhe o quanto me arrependo do que fiz, e o quanto os amo, agora mais do que na época em que os abandonei.

Fazemos loucuras por paixão, meu filho. Escute bem, por paixão, e não por amor. Eu sabia que seu pai iria cuidar de vocês, até melhor do que eu – lembra o dia que deixei você me ajudar na cozinha e acabou quebrando o prato? Cortou o joelho, e você disse a seu pai que havia levado uma queda, só para me proteger.

Sei também que você ajudou seu pai e sua tia na criação dos seus irmãos, e por isso lhe sou eternamente grata.

Não quero, nesta carta, desculpar-me pelo meu erro, mas tentar fazer você entender o quanto é possível cometê-lo. Quando se tem dentro de si um desejo desenfreado de liberdade, qualquer motivo serve, até circo com um trapezista que fala uma língua que eu nunca escutara antes.

E aquelas palavras, que eram todas as que eu desejava escutar, ficavam rondando minhas noites enquanto seu pai não chegava do trabalho, ficavam me distraíndo até nas mínimas atividades do dia a dia, e mais um dia, até que resolvi deixar a vida que pensava sem graça para seguir uma ilusão, e hoje vejo que a vida com vocês era a melhor realidade.

Se puder ajudá-lo a não cometer o mesmo erro, então digo: cuidado com suas paixões. Seja maior do que elas, seja seu dono. Então verá tudo bem mais claro, não duvidará nem por um segundo, mesmo quando eu estivesse no enterro do pai dos meus filhos, e fosse, resoluto, falar, abraçar, acarinhar o meu filho mais velho.

Com todo o amor que carreguei esses anos pelo mundo afora, da sua mãe.

HOMEM: Charles guardou a carta durante todos aqueles anos. Mergulhou no trabalho de detetive como se fosse a única certeza. Lia os livros de Conan Doyle, como se ele fosse o mestre. Abandonava as namoradas com mais de um mês de namoro, e as moças da redondeza começavam a duvidar da sua virilidade.

O inquérito foi aberto. O julgamento, iniciado. A baronesa era a única suspeita, mesmo não assumindo a culpa. O pai de Natália contratou o melhor advogado de Viena. Os espectadores lotaram o tribunal, da mesma forma que lotaram os espetáculos de Electra, da Companhia Azul, no Staatsoper.

MULHER: Caro detetive Allington,

MULHER: Não consigo entender os motivos de você não acreditar na minha inocência, mesmo eu não tendo um álibi.

Sim, eu fui a última pessoa vista com o meu marido saindo da casa dos Mahlers.

Sim, meu marido me trai – ao menos com a segunda soprano – desde o início do nosso casamento.

Sim, eu estava muito triste naquela noite na casa dos Mahlers, porque havia flagrado meu marido à tarde com a amante no meu camarim do teatro.

Mas teria eu a coragem? Teria eu a força para empunhar uma arma, matar e ainda me livrar de um corpo? Saberria eu disfarçar a luta interior de uma mulher que assassinou o marido, o pai do único filho, assim, de maneira premeditada?

Sei que não acredita em tamanha estapafúrdia. Então, por que a insistência? Por que não procura outras pistas, outros suspeitos, outros caminhos de acusação?

Sei que é um homem racional. Então, prove agora, no meu caso, que está usando nada mais, nada menos do que a pura, fria, certa razão, e me libere do interdito.

Com todo o respeito que tenho por você, da baronesa Natália Schoemberg.

HOMEM: As duas cartas poderiam ser da mesma pessoa. Se pudessem ser colocadas uma sobre a outra, numa espécie de decalque, talvez sobrepusessem as assinaturas, talvez as histórias fossem iguais, mas com personagens diferentes.

MULHER: Não podemos ver o rosto da mãe de Charles, apesar das lantejoulas azuis e prata. Mas podemos sentir a pele enrugada, os braços magros, secos, de tanto se pendurar e se lançar nas traves do trapézio.

Mas Natália... A baronesa está ali, nome e corpo feitos, vestido e chapéu brancos, no púlpito do tribunal.

Apesar de o ilustre advogado de defesa, apesar de a cidade inteira aparentemente a seu favor, a baronesa Natália Schoemberg pressente o seu destino, da mesma forma que o mal-estar de não ser a única na vida do marido crescera em doze anos, transformando-a de mulher segura na mais mísera e titubeante criatura.

HOMEM: – Silêncio!

MULHER: O juiz de toga e chapéu pretos grita bem alto.

HOMEM: – A baronesa Natália Schoemberg irá falar.

MULHER: Naquele fim de tarde, a baronesa vê o marido beijando uma das amantes. Ali, no camarim que é de Natália, e somente de Natália, a segunda soprano é beijada. O marido a beija. Veementemente. Com a mão direita apertada as nádegas arredondadas da segunda soprano. Com a esquerda, amassa os seios rijos.

HOMEM: O tribunal inteiro acompanhava a descrição da baronesa nos mínimos detalhes. Acompanham e se colocam no lugar da ré. É fluida a narrativa, envolvente e sensual, os homens se aproximam para escutar e muitas damas escondem os rostos vermelhos debaixo dos leques flamejantes.

HOMEM: – E o que a senhora fez ao vê-los se beijando?

MULHER: Pergunta o advogado de acusação.

MULHER: – A primeira vontade foi entrar e interferir.

HOMEM: As mulheres balançam mais e mais os leques flamejantes.

HOMEM: – A senhora entrou?

MULHER: Os homens se aproximam para escutar melhor.

MULHER: – Infelizmente não.

HOMEM: – Por que infelizmente?

HOMEM: O advogado encontra um fio de novelo.

MULHER: – Porque ele deveria saber a minha dor.

MULHER: As mulheres choram solidárias. Os homens disfarçam por serem homens.

HOMEM: – E o que fez naquele instante?

HOMEM: O advogado puxa um pouco mais o fio.

MULHER: – Saí do teatro. Tomei o coche e fui para casa.

HOMEM: Charles acompanha na caderneta desbotada. A história é a mesma. Em seguida falará do único filho, do jantar na casa dos Mahlers, os inúmeros pratos servidos. Será que revelará sua tristeza?

HOMEM: – E ao chegar em casa?

HOMEM: O advogado insiste no fio da narrativa.

MULHER: – Meu filho chegou do internato. Não o via há muitos meses. Ele cresceu... E como!

MULHER: As mulheres suspiram alto. Os homens balançam a cabeça como se aquilo fosse coisa de mulher.

HOMEM: – Então?

HOMEM: O advogado aproxima-se do púlpito.

MULHER: – Então Viktor entrou no quarto...

HOMEM: Mais um passo do advogado.

MULHER: – ... e me lembrou do jantar dos Mahlers...

HOMEM: O advogado quase alcançando a ré.

MULHER: – ... troquei de roupa sozinha, pois não tenho mais criada...

HOMEM: Os rostos de Natália e do advogado tão próximos que Charles poderia sentir suas respirações.

MULHER: – ... e saímos sós para a casa dos Mahlers, na Graben Strasse.

HOMEM: Charles contém o grito. Apenas uma palavra, tão poucas letras e poderiam condenar Natália Schoemberg para sempre.

HOMEM: – Sós?

HOMEM: O advogado segura firmemente o fio da narrativa que a baronesa deixa cair.

MULHER: Natália aguarda do lado de fora da casa da Berggasse Strasse o cocheiro trazer a carruagem. Fica imaginando como suportará ir com Viktor para o jantar na casa dos Mahlers depois de tê-lo flagrado com a segunda soprano. O cocheiro chega na frente da casa no mesmo instante que Viktor. O marido olha para a esposa e sente o peso de mil anos. Chama o cocheiro, dispensa-o, e toma as rédeas da carruagem. Natália respira aliviada, sozinha no banco de trás.

HOMEM: O advogado ainda segura firmemente o fio da narrativa. Ele não pode perder nenhum segundo daquela oportunidade.

HOMEM: – Quer dizer que o seu marido, o barão Viktor Schoemberg, dispensou o cocheiro somente por causa do seu olhar?

MULHER: – Não sei se foi somente por causa do meu olhar, senhor advogado, mas ele deve ter adivinhado que eu sabia da traição.

HOMEM: – Muito interessante... E conveniente, não acha, baronesa?

HOMEM: O pai de Natália se levanta. Olha para o advogado de defesa, este faz um gesto com as mãos para o pai sentar-se, acalmar-se.

MULHER: – Conveniente, senhor advogado?

HOMEM: – Sim, conveniente que vocês tenham ido ao jantar na casa dos Mahlers assim, absolutamente sós.

MULHER: – Não vejo nada de mais. Hoje em dia as famílias nobres estão empobrecidas, a tal ponto de não terem nem criados, nem mordomos, nem cocheiros.

HOMEM: O advogado mede o fio, pesa as palavras, e enfrenta o olhar direto de Natália.

HOMEM: – Digo conveniente, pois seria muito mais fácil sequestrar o barão depois do jantar, assassiná-lo, livrar-se do corpo, sem nenhuma testemunha, nem ao menos o cocheiro.

MULHER: O tribunal entra em polvorosa. As mulheres balançam loucamente os leques na tentativa de amenizar o calor; os homens falam cada vez mais alto, a ponto de o martelo do juiz bater e bater tão longe, quase se quebrando.

HOMEM: – Silêncio!

MULHER: A voz cheia, de trovão, grita uma vez só. A sala aquieta-se. As mulheres sentam-se; os homens alisam seus bigodes. As bocas cerram os dentes e não se ouve o mínimo barulho.

HOMEM: – Por favor, continue a arguição, senhor advogado.

MULHER: O juiz decreta.

HOMEM: – Obrigado, meritíssimo.

MULHER: O advogado faz uma mesura ao juiz. Aproxima-se novamente do púlpito.

HOMEM: – Senhora baronesa, foi a senhora ou o seu marido que dispensou o cocheiro?

MULHER: – Como eu disse...

HOMEM: – Foi a senhora ou o seu marido que dirigiu o coche na volta?

MULHER: – ... mas eu dizia...

HOMEM: – Foi a senhora que matou seu marido e se livrou do corpo às margens do rio Danúbio?

MULHER: O tribunal retorna ao caos. O martelo do juiz não irá mais conseguir pacificar os humores. Os gritos de trovão não sancionarão a lei. É decretada, até segunda ordem, a suspensão do julgamento.

HOMEM: Charles não conseguiria dormir naquela noite. Ficaria imaginando o rosto da baronesa na cela do cárcere, o frio batendo-lhe os ossos, o medo inquietando-lhe os sentidos.

Levanta-se da cama. Veste o casaco de lã cinza, quadriculado. Põe o chapéu de feltro verde. Desce as escadas, atravessa a rua, caminha os dois quarteirões e já se encontra no comissariado. O guarda-noturno abre-lhe o portão de ferro para as celas da ala feminina. Há cinco celas reservadas às mulheres e oito para os homens.

MULHER: Natália também está acordada. Os olhos brilham por entre as grades impostas da prisão. Tudo está escuro. A lua é nova, o céu sem estrelas. Todos se escondem como se para não revelar segredos, não confessar culpas. Ou, então, ninguém é o culpado.

HOMEM: – Ninguém é o culpado.

A frase do pai de Natália proferida na biblioteca ressoa na cabeça de Charles enquanto ele se levanta da cama, veste o casaco de lã, põe o chapéu de feltro, escadas, rua, dois quarteirões, comissariado. O guarda-noturno abre-lhe o portão de ferro e a frase do pai de Natália parece o badalar da meia-noite do sino da igreja.

MULHER: Natália olha-o, surpresa.

MULHER: – O que o senhor faz aqui?

HOMEM: Charles nota o tom de voz mais humilde, o senhor no lugar do você da carta, a troca de uma palavra que faz toda a diferença.

HOMEM: – Não consegui dormir. Como a senhora está?

MULHER: Ela o olha por uma fresta de luz.

MULHER: – Eu também não consegui dormir.



HOMEM: Charles dispensa o guarda-noturno. Puxa um tamborete de madeira para próximo da cela da ré. Mostra-lhe um envelope amassado.

HOMEM: – Eu recebi a sua carta.

Abre o envelope diante de Natália.

– Por que não me disse a verdade?

MULHER: Ela o olha, inquietante.

– Mas eu disse a verdade, detetive!

HOMEM: – Não toda a verdade. Não disse que saíram sós para o jantar na casa dos Mahlers, a senhora e o barão.

MULHER: – Pensei que havia lhe dito, senhor detetive! Foram tantas informações, tantas palavras ditas naquela tarde do depoimento, tantas palavras escritas na sua caderneta!

HOMEM: Charles enrubesce. A lembrança da caderneta desbotada o faz envergonhar-se da escrita, da sua letra nua, mostrada em inocência de escritor iniciante a uma baronesa.

Mas deseja-se escritor? Ele, que almeja um dia resolver os casos mais difíceis como se fosse um Sherlock Holmes? Ele, que aguarda as sextas-feiras à noite só para ler um pouco mais de Conan Doyle, e beber um pouco mais de sua sabedoria, e engrandecer a sua alma com um final inesperado e bom?

– Não me disse. E eu não anotei. Poderíamos tê-la preservado de tamanha exposição. Poderia ter investigado melhor com seu pai quando ele disse que:

MULHER: – Ninguém é o culpado.

HOMEM: Charles ouve, atônito, a frase que é proferida agora por Natália. A frase que sai por entre as grades numa linha reta, da emissora para o receptor, sem que existam grades entre os dois, sem que existam diferenças de classe social, de línguas, de uma filha que sabe mais do que o pai, de segredos de uma mãe que abandona os cinco filhos, de uma mulher que é traída pelo marido, na frente de todos, como se fossem duas cartas postas, uma por cima da outra, sobre a mesa e escritas pela mesma personagem.